

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V — Número 1.546

Domingo, 9 de Dezembro de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-4, 2.º Lisboa — PORTUGAL
TELEFONE — 5339-C
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

O preço da batata está atingindo proporções assustadoras. A ganância dos comerciantes não se compadece das classes pobres. Até já foi esquecido o que o aumento do preço da batata provocou em 1917

COMO RESOLVER O PROBLEMA DO INQUILINATO?

TOMANDO MEDIDAS ENERGICAS E DECISIVAS

Há quatro mil acções de despejo na Boa-Hora?

E' preciso sustá-las todas, sem exceção!

Há grande falta de casas baratas para morar?

E' necessário construí-las aos milhares!

A questão do inquilinato não se resolve com paliativos. As emendas apresentadas pelo dr. sr. Catano de Meneses e pelo ministro da justiça, revelarão uma certa boa vontade em atenuar a situação afeita em que os inquilinos se encontram, mas não passam de meros paliativos.

O povo que habita e que corre, perante um mandato de despejo traiçoeiro, o risco de não habitar, de ver neste tempo os seus filhos a chuva e ao vento, sem abrigo, não se contenta com essas pequenas emendas.

A questão é demasiado grave para ser resolvida com duas penas. A situação desesperada em que os inquilinos se encontram reclama medidas mais energicas, de facto mais decisivo.

Na Boa-Hora 4.000 acções de despejo. São quatro mil crimes prestatos a praticar-se, quatro mil vítimas que aguardam o sacrifício — talvez quatro mil negócios es-

euros que os senhores pretendem realizar, a sombra da lei.

É Será possível que os governantes permaneçam indiferentes perante esses crimes, que ainda estão a tempo de evitar?

Será esta ocasião propicia a hesitações?

parece-nos que a primeira grande medida a pôr em prática será impedir que essas acções de despejo sigam até final — final trágico para os pobres inquilinos.

Se o parlamento quere legislar sobre o assunto porque não faz sustar todas as acções de despejo até que, mercê de outras medidas que se impõem, a situação se normalize?

E a situação só se pode normalizar com a construção de alguns milhares de casas baratas que, provocando a abundância de moradias, deixa ao inquilino a escolha livre da sua casa e obrigue a cidade — de que o projecto Catano de Meneses vai brevemente ser aprovado pelo Senado.

Quem, desta vez, mais se mo-

São estas pois as duas primeiras reclamações dos inquilinos: sustar temporariamente todas as acções de despejo e construir com brevidade casas baratas para morar.

Só quem quizer favorecer os já fôr inimigo dos inquilinos discorrerá destas duas medidas mais simples, porém, fundamentais para a resolução do intrincado problema.

Nisto também se envolve um prejuízo político, que o partido nacionalista local já devia ter ponderado.

Entre os referidos comerciantes, ninguém dúvida que as bastantes «aleias» correligionários do governo que ora está à frente dos destinos da nação. Destarte como os interesses de cada um estão acima das disciplinas partidárias, é certo que a totalidade ou quase a totalidade, dos comerciantes, retirarão a sua confiança aos actuais homens do poder, se o referido ministro caturtar na sua e

conseguir o seu desejo...

Os inquilinos portuenses

PORTO, 7.—A questão do inquilinato voltou a agitar-se com mais intensidade, merecendo a noticia — e ela correu célebre por toda a cidade — de que o projecto Catano de Meneses vai brevemente ser aprovado pelo Senado.

Em Beja onde decorreram muitos anos da sua vida, casou-se. A sua mulher era filha dum lavrador e pertencia a uma família essencialmente religiosa e conservadora. Avila, não transigiu com a igreja embora sua mulher fosse católica. O seu casamento que foi civil, causou grande escândalo. Avila, desprezou a indignação que a sua rebeldia levantara e prosseguiu numa actividade coerente com as suas ideias. Funda em Beja algumas associações operárias e numa escola, diurna para crianças, noturna para adultos. O livro de leituras nessa escola diera de todas as outras. Em vez de trechos clássicos, que empurravam de ideias velhas, gente nova, os alunos soletravam e liam as páginas mais impregnadas de justiça e de humanidade dos mais intelectuais escritores libertários. João de Deus publica o seu método de leitura e encontra em Avila um dos primeiros e mais ardorosos defensores da Cartilha Maternal.

Num movimento de protesto dos rurais havido em Elvas, Avila salienta-se. É perseguido e vai parar ao forte de Elvas. Timor

parece ser o seu destino quando se apresenta aos tribunais.

A sua coragem não diminui. Salvo corajosamente dum degrêdo certo, regressa de Lisboa e vai encontrar em Beja a sua família contra ele. Os pais, criam-lhe má vontade, apoderam-se da mulher, servem-se da família para o hostilizar. Avila comprehende tudo. Exigem a sua abdicação. Dão-lhe a escolher entre o seu lar e as suas ideias. Amargurado, coração ulcerado por uma grande dor, não hesita. Querem que ele sacrifique as ideias à sua família? Avila replica sacrificando, tudo, sacrificando-se a elas, para manter as ideias. Há uma família grande, a pobre humanidade debatendo-se e sofrendo grandes misérias e grandes tiranias. Essa está primeiro do que a sua, primeiro do que é ele próprio. O homem ficará, sofrendo, dificilmente se apagará do seu coração um lar para sempre aniquilado, uma aféição para sempre perdida. Mas o rebolde fica, mantém integra a sua rebeldia...

** *

Eliseu Reclus vem a Lisboa. O motivo da sua viagem era científico, originado numa grande viagem que ia empreender à África a fim de se documentar para a sua grande obra: a geografia universal.

Realiza na Sociedade de Geografia uma série de conferências.

Leiam amanhã o 2.º número do

Suplemento literário de "A Batalha"

SUMÁRIO:

- António José de Avila — Quem é o Homem que acaba de desaparecer (com retrato).
As propostas de finanças do Sr. Cunha Leal.
A Escola deve preparar para a Vida, por Deolinda Lopes Vieira.
A situação dos intelectuais, por Ferreira de Castro (com ilustrações).
A questão do inquilinato, por Campos Lima.
O Herói, versos de Coriolano Leite (com ilustrações).
Uma Escola-Teatro — Uma iniciativa de Araújo Pereira (com retratos).
Colaboração artística de Ferreira de Albu, queque e José Neto

Toda a colaboração do Suplemento literário de "A Batalha" é absolutamente inédita

8 PÁGINAS COM 25 GRAVURAS
PREÇO 50 CENTAVOS

Leiam amanhã, segunda-feira, o 2.º número do Suplemento literário e ilustrado de "A Batalha"

Os comerciantes não desarmam, no referente aos abusos do comércio...

Os senhores teem abusado desplante; os comerciantes também, com energia, nas suas reuniões e deliberam levar a sua agitação até onde for possível...

Assim, além duma comissão que deve ir para a capital fazer tódia a pressão junto das entidades oficiais e leaders de todos os partidos, tencionam os comerciantes convidar os inquilinos em geral a assistir a uma grande reunião pública, onde serão debatidos os abusos praticados pelos senhores.

O povo portuense, comentando o facto, acha bem a atitude respetuosa que os comerciantes assumiram para com ele; entende mesmo necessária a ação conjunta dos inquilinos comerciais e particulares contra os excessos dos proprietários de casas. Contudo, não tem podido deixar de lamentar também que tal louável consideração não tenha sido tomada

É claro que esta defensiva contra a ofensiva dos senhores estende-se a toda a população que não tem casas suas. E por isso os senhores mexem-se, por sua vez, embora não possam encobrir os seus fundamentos reais. Não lhes convém o travão, porque é de suma vantagem aumentar-se livremente o aluguer de 12.000 para 80.000, como ultimamente se exigiu a um inquilino dos lados de Carlos de Alberto. Porque é de altíssimo interesse agravar-se as rendas para o quâdruplo, quintuplo, sextuplo, etc., e ainda por cima obrigar o inquilino a compôr, ou mandar cometer, a sua custa as casas, se quer viver limpo e ao abrigo dos ventos e das chuvas...

Vamos a ver: a coisa promete; lá se agitam pela aprovação, e, ou o cheque é grande — e é prestativa da aludida lei e pela rápidas aulação das acções em juízo, como já se fez, dizem elas, com a lei nº. 1.020 de 18 de Agosto de 1920. Estamos como o outro: *Hic et nunc...*

A ÚLTIMA DESPEDIDA

O FUNERAL DE ANTÓNIO JOSÉ DE ÁVILA

constituirá uma grande e sentida manifestação de todas as forças que aspiram a um futuro de acordo com as ideias da grande figura revolucionária e moral que desapareceu

Raros revolucionários tiveram como António José de Avila uma vida tão intensa e extensa. Se fôssemos a evocá-la, sem omissão de lance ou pormenor que estranho e prolixo desfile de acontecimentos — figuras não passariam diante dos nossos olhos deslumbrados! Pode não chegar em António José de Avila, a história do movimento anarquista em Portugal, mas é inegável, que foi ele um dos primeiros a admirar o vermelho clarão com que a Internacional iluminou o mundo. Começa aí a existência revolucionária dum homem cuja convicção sobre resistir, sem o menor quebranto, a todas as descrepâncias, a todas as desilusões. Ser anarquista, no tempo em que ser anarquista era um crime, no tempo em que se fugia do avançado com o mesmo asco e terror que pode inspirar um leproso, exigiu uma grande e alta coragem moral.

Essa coragem moral nunca lhe faltou. Diantre de todas as censuras dum época estreita e hostil, em que a religião dominava o país, o respeito pela tradição era avassalador, manter diante da guerra estápula e fúria de preconceitos uma atitude manifestamente antagônica exigia um grande espírito de abnegação.

O partido anarquista cede todo o seu banco da Avenida! afirma numa das suas crónicas o grande e irônico novelista que foi Eça de Queiroz. Pois, Avila pertencia ao «partido anarquista» a quem um banco da Avenida era suficiente para instalar todos os seus adeptos dumha ideia. O desprê para a opinião pública, a indiferença perante as leis repressivas, a alta coragem em proclamar verdades belas e terríveis, nobilitou os raros anarquistas dessa época distante.

Ainda se não tinha apagado a indignação e o terror da Comuna de Paris, Lisboa, aristocrática, conservadora, ignorante e beata, vibrava de indignação e horror perante a resistência heroica dos comunistas, iluminado pelo intenso e trágico clarão dumha cidade ardendo num bárbaro dos crimes que puseram trágico e sangrento final a um grande e generoso movimento.

Luisa Michel, a Virgem Vermelha, a mulher que espalhou em Paris o petrólio e a morte, essa mulher-demonio autora de inenarráveis crimes e torpes — assim julgava Lisboa o coração mais sensível dumha grande revolucionária — merecia desde o seu domínio pelo pão, uma grande aversão.

O seu coragem moral nunca lhe faltou. Diantre de todas as censuras dumha época estreita e hostil, em que a religião dominava o país, o respeito pela tradição era avassalador, manter diante da guerra estápula e fúria de preconceitos uma atitude manifestamente antagônica exigia um grande espírito de abnegação.

** *

Eliseu Reclus vem a Lisboa. O motivo da sua viagem era científico, originado numa grande viagem que ia empreender à África a fim de se documentar para a sua grande obra: a geografia universal.

Realiza na Sociedade de Geografia uma série de conferências.

Leiam amanhã o 2.º número do

Ao contrário de outros sábios e pseudo-sábios não enverga o traje que a etiqueta exige mesmo aos sábios e apresenta-se vestido com natural simplicidade.

Num quarto modesto de Eduardo Cardozo que ficava na rua dosouradores, reúnem-se Reclus com os avançados dessa época. Entre elas, estava Avila.

Surge a morte do rei Carlos. Avila é preso sob a acusação de cumplicidade no regicídio juntamente com Miguel Cerdova, Augusto Machado, Constantino Mendes «Norte», Adão Duarte e outros. Passado tempo é posto em liberdade, assim como os seus companheiros por se provar ser estranho ao regicídio.

Sem lar, afastado de sua família por manejos dos padres e pela alta independência que mantinha perante os preconceitos, calcando os sentimentos onde elas se refigiam, a sua vida torna-se desordenada. Torna-se boêmio, notívago. Mas, essa maneira de viver não quebranta a sua força moral. Assim, havia de ficar até a recolher ao hospital onde seu dias finalizaram. Recolhido tarde, entra no seu quarto, alta madrugada.

A sua boémia nada tinha de moral nem de perto, nem de longe se assemelhava à daqueles que consagravam e desperdiçavam a vida. Em todos os momentos de perseguição, Avila, mantinha-se firme, não deserta. Surge Sidónio Pais, surge a malograda greve de Novembro. Avila apesar das perseguições, continua a sua vida habitual de luta e evangelização. É preso em pleno Rossio. Apreendem-lhe manifestos revolucionários. A polícia, forçoso, com requintada brutalidade a atravessar o Rossio numa agressão ininterrupta. Era um velho de mais sessenta anos que a polícia covardemente esparramava. Entre o posto do Nacional, cheio de contusões, pingando sangue. Novas agressões e depois — calvário. Depois governo civil. Interrogado afirma as ideias de toda a sua vida. A polícia enforca-se diante daquele velho que não teme a morte, que não se acobarra nem se humilha diante das suas violentas agressões... Depois Monsanto, até que finda a derrota dos monárquicos, regressa à liberdade. Não vem quebrado, nem rancoroso.

As violências não modificaram a sua fé inabalável no futuro, sua evangelização do ideal anarquista continua.

Os últimos anos da sua vida, arrastam-se numa debilidade física que o impossibilita para o trabalho. É a miséria, são as privações. Avila não se queixa, não invoca a solidariedade dos seus camaradas para ter pão, para ter domicílio. Se lha dá, aceita-a. Valeu-lhe nesses derradeiros anos alguns dos seus amigos.

As violências não modificaram a sua fé inabalável no futuro, sua evangelização do ideal anarquista continua.

Os últimos anos da sua vida, arrastam-se numa debilidade física que o impossibilita para o trabalho. É a miséria, são as privações. Avila não se queixa, não invoca a solidariedade dos seus camaradas para ter pão, para ter domicílio. Se lha dá, aceita-a. Valeu-lhe nesses derradeiros anos alguns dos seus amigos.

** *

O funeral de António José de Avila, efectua-se hoje, conforme noticiámos, às 14 horas, saindo do hospital de São José, da travessa da Porta do Carro, para o cemitério do Alto de São João.

A União Anarquista, Grupos Anarquistas, Juventudes Sindicais,

agremiações comunistas de Lisboa, U. S. O., Juventudes Co-

munistas, Sindicatos do pessoal do Arsenal da Marinha e Coro-

ria Nacional, Arsenal do Exército, Alfaiates, Máquinistas Fluviais,

Caixeiros de Lisboa, Compositores Tipográficos, comissão pro

A Batalha, comissão pro presos por questões sociais, convidam

os seus componentes a incorporar-se no funeral.

No Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército, no decurso

duma reunião magna ontem ali efectuada, vários militantes da

classe usaram da palavra referindo-se à vida de António José de Avila. A organização comunista do Porto enviou um telegrama

lamentando a sua perda.

** *

O funeral de António José de Avila, efectua-se hoje, conforme

noticiámos, às 14 horas, saindo do hospital de São José, da tra-

vessa da Porta do Carro, para o cemitério do Alto de São João.

A União Anarquista, Grupos Anarquistas, Juventudes Sindi-

cais, agremiações comunistas de Lisboa, U. S. O., Juventudes Co-

Uma procissão em sesta

EDEN-TEATRO

AS 21,15

Representação da opereta de costumes portugueses em 3 actos, original de Sá Albergaria, música original de Freitas Gazul

Uma banda de música

O BRASILEIRO PANCRÁCIO

Canções regionais

português e contra o ponto de vista nacional, defendido em todos os países do mundo, da nacionalização de todas as indústrias e meios de comunicação em poder das empresas capitalistas e que tenham utilidade pública;

Considerando, que a exploração das redes ferroviárias do Sul e Sueste e Minho e Douro por uma empresa capitalista exige um rendimento de compensação remuneradora ao capital empregado, sendo, por esta forma e sem nenhuma utilidade do público, o governo ou o Estado, desviados os lucros dessa exploração para os cofres partilhadores duma companhia, deixando os mesmos de serem aplicados aos benefícios materiais da respectiva rede e melhoramentos da remuneração do trabalho do pessoal;

Considerando ainda, que desde há muitos anos se defende em Portugal o princípio dum resgate de todas as rédes ferroviárias em poder de companhias, como medida iminentemente nacional e de largo alcance administrativo; e

Tendo em vista que a alienação das indústrias do Estado em favor de companhias implica uma demonstração de falência administrativa do Estado que lança mão de tais meios, quando certo que os homens que exercem a administração do Estado são, invariavelmente, os mesmos que exercem a administração das companhias, demonstrando nestas, mais carinho, competência e dedicação, conclui-se que da medida que se pretende adoptar só pode resultar vantagens para os referidos administradores e para as companhias que os mesmos fazem parte, ficando o pessoal sem garantias de estabilidade económica, profissional ou moral, presentes ou futuras, visto que tais garantias, passam a ser reguladas pelos interesses da empresa a quem o Estado alienou os referidos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e Minho e Douro;

Resolvem:

1.º — Reclamar do Parlamento oportunamente a não aprovação de qualquer projeto de lei, decreto ou proposta, que lhe seja submetido, no qual se contenha a alienação da rede ferroviária do Estado a qualquer companhia ou empresa, oferecendo a resistência que as circunstâncias impõham caso não se atendam os interesses do pessoal e aos pontos de vista que militam contra essa alienação.

2.º — Desenvolver a maior propaganda, por todo o país, a fim de levar o público a interessar-se pela questão, pondo a claro as inconveniências da medida que se pretende tomar, impedindo que o Estado vá passando assuntas indústrias às mãos de empresas capitalistas, as quais os próprios políticos e administradores do Estado estão ligados.

3.º — Manter a reclamação sobre a conveniência da actual organização dos Caminhos de Ferro do Estado ser anulada, suspensa ou modificada, tomando-se em consideração os pontos que se relacionam com os interesses e situação do pessoal.

Os ferroviários do Minho e Douro também reuniram para tratar de tam grave assunto

PORTO, 8.—Desde há muita que a classe ferroviária do Minho e Douro, como de resto a do S. S., se vem manifestando verdadeiramente apressivamente com a ameaça dos caminhos de ferro do Estado passarem para a posse dum Companhia concessionária.

Este perigo iminente, que demonstra, com exuberância, a degringolada em que a administração do Estado caiu, merece da reconhecida incompetência revelada pelos seus homens públicos e, por assim dizer, um dos pratos fúnebres de todas as conversas.

Os ferroviários não vêem, na alienação dos caminhos de ferro a uma empresa monopolista, sómente um possível perigo para os seus interesses corporativistas, mas também para os interesses gerais de todo um povo. E estavam, portanto, que todos esses patriotas governantes que tanto encenam e bôca com os interesses da pátria, os primeiros a desejarem os seus prejuízos, os seus reveses financeiros e morais, porque os bens comunitários particulares.

Para mais uma vez trazarem deste magnifico assunto, pelo qual se desconta, um ruinoso costado de mais um monopólio — joal e republicanos tanto se enganaram na oposição aos brigantinos contra os monopólios — efectuaram-se ontem, na sede da Tuna Musical dos ferroviários do Minho e Douro, uma assembleia magna de todo o pessoal ferroviário disponível. O vasto salão não chegou para comportar a extraordinária afluência.

Assumida a presidência pelo velho e conhecido elemento Pinto Barbosa, que teve a secretaria-lo Alvelino Santos Moutinho escriturário, e Benjamin Augusto Ferreira, bilheteiro — usa da palavra, em primeiro lugar, o delegado do Sul e Sueste, António Pinto.

Com uma enorme cópia de argumentos, analisa, até nas mais pequenas minúncias, a questão das entregas dos caminhos de ferro do Estado a uma companhia particular, salientando, com toda a clarividência, todos os contras que uma tal medida podem acarretar.

Conseguido prender toda a atenção da assistência, vibrantemente se detém numa áspera crítica aos nossos economistas e administradores oficiais — estranhando que elas, na generalidade, vinhão a ser tão excelentes gerentes e zeladores dos interesses das empresas privadas, depois de se haverem evidenciado tão pessimos administradores quando estiveram ao serviço, chorudamente remunerado, do Estado.

Considera um propósito condenável, mercê de manobras de entidades nodeosas e ocultas, o facto de se apostarem em tornar as grandes fontes da riqueza do país em monopólios desastrosos, que só vêm constituir a ruina do povo português. E porque assim é, que os ferroviários se manifestam, não só em sua própria defesa, mas em defesa de

AS GREVES

Marítimos de Longo Curso

NOTA OFICIAL DO COMITÉ

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

A questão internacional

A Internacional e o congresso de Saint-Imier
¿ Ditadura ou liberdade?

A vida da Associação Internacional dos Trabalhadores ficou periclitante no Congresso da Haia, de 1872. Marx, que supôs poder impôr grande Associação o seu pensamento centralizador e ditatorial, pela votação dos seus pontos de vista por uma maioria arranjada a seu favor, nunca pôde prever as consequências da sua obra.

As federações que ficaram em minoria, representavam, de facto, uma força real e com um raio de influência superior ao da maioria marxista.

Os factos que se observaram desde o Congresso da Haia, 1872, até aos Congressos de Genebra, em 1873, o dos autonomistas e os dos marxistas, atestam o valor negativo e pouco edificante por parte destes últimos, especialmente de Engels nas suas relações com o Conselho Geral do New-Work.

Se não fôr a altitude daquela minoria, que, como veremos, inculcou nova seiva à Internacional, a obra nascida em St. Martin-Hall, em 1864 e consolidada em Genebra, em 1865, teria o seu definitivo final, em 1873, se não fosse

mesmo no ano anterior.

Os representantes das cinco Federações que assinaram a declaração do Congresso da Haia, resolvem não se fícar apenas por elas, resolvem tomar resoluções imediatas em que ficasse nitidamente demarcada a altitude dos organismos autonomistas, ou anti-autoritários em face das decisões do Congresso da Haia, e decidem o Congresso de Saint-Imier, na Suíça, no mesmo ano, 1872, ou seja dias depois da Haia.

As decisões desse Congresso estão consubstanciadas nos seguintes documentos:

Considerando que a autonomia e a independência das federações e das secções operárias constitui a primeira condição para a emancipação dos trabalhadores:

Que todo o poder legislativo e regulamentador concedido aos Congressos seria uma negação flagrante desta autonomia e desta liberdade;

O Congresso nega em princípio o direito legislativo a todos os Congressos, quer gerais, quer regionais, reconhecendo-lhes, apenas, a missão de colocar, em presença, umas das outras, as aspirações, as necessidades e as ideias do proletariado das diferentes localidades do país, a fim de que a sua harmonização e a sua unificação se operem, tanto quanto possível. Mas, em nenhum dos casos, a maioria de um Congresso poderá impôr as suas resoluções a minorias;

Considerando, além disso, que a instituição de um Conselho Geral na Internacional é, pela sua natureza, fatalmente destinada a violar, permanentemente, esta liberdade, que deve ser a base fundamental da nossa grande associação;

Considerando que, durante estes últimos três anos, os actos do Conselho Geral de Londres, que acaba de ser dissolvido, constituem uma prova evidente da vida inerente a semelhante instituição;

Que, para aumentar a sua potência — de princípio muito fraca — esse Conselho recorre às intrigas, às calúnias mais infames, no intuito de macular todos os individuos que ousaram combatê-los;

Que, para atingir o cime de dos seus desígnios, o Conselho preparou, com grande antecipação, o Congresso de Haia, cuja maioria, artificialmente organizada, não tinha, evidentemente, outro desejo, senão o de fazer triunfar, no seio da Internacional, o domínio de um partido autoritário; e que, para conseguir este fim, o mesmo Conselho não se importou de calcar aos pés toda a decência e toda a justiça;

Que um tal Congresso não pode afirmar que é a expressão da vontade do proletariado dos países que ali se fizeram representar;

O Congresso dos delegados das Federações — espanhola, italiana, jurassiana, americana e francesa, reunido em Saint-Imier declara reprovando em absoluto todas as resoluções do Congresso de Haia, não reconhecendo, de modo al-

tas fogueiras. Depois desceu, saltitando como a ave, de ramo em ramo; e assentando os pés no ombro do marido; deu um pulo para o chão, dizendo:

— É preciso que nos encaminhemos para o lado do meio dia, na direcção daquelas sete estrelas...; as fogueiras do acampamento de Cesar são destes lados.

— Nntão vamos por esta estrada, replicou o marido indicando a mais estreita das duas veredas.

E os dois viajantes prosseguiram nu seu caminho.

No fim de alguns passos, a jóven parou, e pareceu procurar alguma coisa no vestuário.

— Que procuras tu, Meroé?

— Espera ai por mim; quando subi à árvore, dei-me cair o punhal; talvez se desprendesse do cinto que trago por baixo da saia.

— Pôr Jesus! é preciso encontralo, disse Albinik encaminhando-se para a árvore. Tu precisas duma arma; e aquela foi forjada por meu irmão Mikael, temperou-a ele mesmo, e pode furar uma moeda de cobre.

— Oh! hei de achar o punhal, Albinik! Com aquela pequena lâmina de aço bem afiada, respondeu-se a tudo... e em todas as línguas.

Depois de procurarem ao pé do carvalho, Meroé encontrou finalmente o punhal, que estava metido num estojo do tamanho duma pena de pato, e pouco mais grosso do que ela. Meroé prendeu-a novamente debaixo da saia, e poz-se a caminho com o esposo. Depois duma longa marcha, entre sendas profundas, chegaram ambos a uma planície: ouvia-se muito ao longe o grande ruído do mar; do alto duma colina descobriu-se o clarão de muitas fogueiras.

— Ai está o acampamento de Cesar! disse Albinik, parando; eis ai o covil do leão...

— O covil do flagelo da Gália... Vamos... vamos... a noite adianta-se.

— Meroé... chegou o momento!

— Hesitarás tu agora?

— Já é tarde... Mas desciaria antes um combate

lial... navio contra navio... soldado contra soldado... e espada contra espada... Ah! Meroé! para nós outros, gauleses, que, desprezando as emboscadas como se fossem cobardias, pomos campainhas de bronze nos ferros das nossas lanças a fim de advertir o inimigo da nossa aproximação, vir déste modo traíçoeiramente...

— Traíçoeiramente! exclamou a jóven. E oprimir um povo livre... será leal? Reduzir os seus habitantes ao cativeiro... expatriá-los aos bando, com o colar de ferro ao pescoço... será lial?... Matar os velhos, as crianças... e entregar as mulheres e as vítimas às violências dos soldados... será lial?... Hesitarás agora... depois de ter caminhado um dia inteiro e toda uma noite ao clarão do incêndio... pelo meio de ruínas fumegantes, que incutem o horror da opressão romana!... Não... não... para exterminio dos animais ferozes, tudo é bom, tanto o chouco como a cilada... Hesitar!... hesitar!!! Responde, Albinik!... Pondo de parte a tua mutilação voluntária... pondo de parte os perigos que afrontámos ao entrar neste campo... não seremos nós, se Jesus auxiliar o teu projecto, as primeiras vítimas desse imenso sacrifício que desejámos fazer aos deuses?... Acredita no que te digo: quem oferece a sua vida não deve hesitar...; e pelo amor que te tenho! pelo sangue virginal de nossa irmã Héna... juro-te que tenho, nesta ocasião, a consciência de cumprir um dever sagrado... Vamos... vamos... a noite adianta-se...

— O que Meroé, a justa e valorosa, acha justo e valoroso, deve-sé-lo na verdade... disse Albinik apertando a companheira nos braços. Sim... sim... para exterminio dos animais ferozes tudo é bom, tanto o chouco como a cilada... Quem oferece a sua vida não deve hesitar... Vamos...

Os dois esposos apressavam o passo para o acampamento de Cesar.

No fim de alguns instantes, ouviram, a pequena distância, ressoar no solo o passo regulamentar de

mil... navio contra navio... soldado contra soldado... e espada contra espada... Ah! Meroé! para

nós outros, gauleses, que, desprezando as emboscadas como se fossem cobardias, pomos campainhas de bronze nos ferros das nossas lanças a fim de advertir o inimigo da nossa aproximação, vir déste modo traíçoeiramente...

— Traíçoeiramente! exclamou a jóven. E oprimir um povo livre... será leal? Reduzir os seus habitantes ao cativeiro... expatriá-los aos bando, com o colar de ferro ao pescoço... será lial?... Matar os velhos, as crianças... e entregar as mulheres e as vítimas às violências dos soldados... será lial?... Hesitarás agora... depois de ter caminhado um dia inteiro e toda uma noite ao clarão do incêndio... pelo meio de ruínas fumegantes, que incutem o horror da opressão romana!... Não... não... para exterminio dos animais ferozes, tudo é bom, tanto o chouco como a cilada... Hesitar!... hesitar!!! Responde, Albinik!... Pondo de parte a tua mutilação voluntária... pondo de parte os perigos que afrontámos ao entrar neste campo... não seremos nós, se Jesus auxiliar o teu projecto, as primeiras vítimas desse imenso sacrifício que desejámos fazer aos deuses?... Acredita no que te digo: quem oferece a sua vida não deve hesitar...; e pelo amor que te tenho! pelo sangue virginal de nossa irmã Héna... juro-te que tenho, nesta ocasião, a consciência de cumprir um dever sagrado... Vamos... vamos... a noite adianta-se...

— O que Meroé, a justa e valorosa, acha justo e valoroso, deve-sé-lo na verdade... disse Albinik apertando a companheira nos braços. Sim... sim... para exterminio dos animais ferozes tudo é bom, tanto o chouco como a cilada... Quem oferece a sua vida não deve hesitar... Vamos...

Os dois esposos apressavam o passo para o acampamento de Cesar.

No fim de alguns instantes, ouviram, a pequena distância, ressoar no solo o passo regulamentar de

mil... navio contra navio... soldado contra soldado... e espada contra espada... Ah! Meroé! para

nós outros, gauleses, que, desprezando as emboscadas como se fossem cobardias, pomos campainhas de bronze nos ferros das nossas lanças a fim de advertir o inimigo da nossa aproximação, vir déste modo traíçoeiramente...

— Traíçoeiramente! exclamou a jóven. E oprimir um povo livre... será leal? Reduzir os seus habitantes ao cativeiro... expatriá-los aos bando, com o colar de ferro ao pescoço... será lial?... Matar os velhos, as crianças... e entregar as mulheres e as vítimas às violências dos soldados... será lial?... Hesitarás agora... depois de ter caminhado um dia inteiro e toda uma noite ao clarão do incêndio... pelo meio de ruínas fumegantes, que incutem o horror da opressão romana!... Não... não... para exterminio dos animais ferozes, tudo é bom, tanto o chouco como a cilada... Hesitar!... hesitar!!! Responde, Albinik!... Pondo de parte a tua mutilação voluntária... pondo de parte os perigos que afrontámos ao entrar neste campo... não seremos nós, se Jesus auxiliar o teu projecto, as primeiras vítimas desse imenso sacrifício que desejámos fazer aos deuses?... Acredita no que te digo: quem oferece a sua vida não deve hesitar...; e pelo amor que te tenho! pelo sangue virginal de nossa irmã Héna... juro-te que tenho, nesta ocasião, a consciência de cumprir um dever sagrado... Vamos... vamos... a noite adianta-se...

— O que Meroé, a justa e valorosa, acha justo e valoroso, deve-sé-lo na verdade... disse Albinik apertando a companheira nos braços. Sim... sim... para exterminio dos animais ferozes tudo é bom, tanto o chouco como a cilada... Quem oferece a sua vida não deve hesitar... Vamos...

Os dois esposos apressavam o passo para o acampamento de Cesar.

No fim de alguns instantes, ouviram, a pequena distância, ressoar no solo o passo regulamentar de

mil... navio contra navio... soldado contra soldado... e espada contra espada... Ah! Meroé! para

nós outros, gauleses, que, desprezando as emboscadas como se fossem cobardias, pomos campainhas de bronze nos ferros das nossas lanças a fim de advertir o inimigo da nossa aproximação, vir déste modo traíçoeiramente...

— Traíçoeiramente! exclamou a jóven. E oprimir um povo livre... será leal? Reduzir os seus habitantes ao cativeiro... expatriá-los aos bando, com o colar de ferro ao pescoço... será lial?... Matar os velhos, as crianças... e entregar as mulheres e as vítimas às violências dos soldados... será lial?... Hesitarás agora... depois de ter caminhado um dia inteiro e toda uma noite ao clarão do incêndio... pelo meio de ruínas fumegantes, que incutem o horror da opressão romana!... Não... não... para exterminio dos animais ferozes, tudo é bom, tanto o chouco como a cilada... Hesitar!... hesitar!!! Responde, Albinik!... Pondo de parte a tua mutilação voluntária... pondo de parte os perigos que afrontámos ao entrar neste campo... não seremos nós, se Jesus auxiliar o teu projecto, as primeiras vítimas desse imenso sacrifício que desejámos fazer aos deuses?... Acredita no que te digo: quem oferece a sua vida não deve hesitar...; e pelo amor que te tenho! pelo sangue virginal de nossa irmã Héna... juro-te que tenho, nesta ocasião, a consciência de cumprir um dever sagrado... Vamos... vamos... a noite adianta-se...

— O que Meroé, a justa e valorosa, acha justo e valoroso, deve-sé-lo na verdade... disse Albinik apertando a companheira nos braços. Sim... sim... para exterminio dos animais ferozes tudo é bom, tanto o chouco como a cilada... Quem oferece a sua vida não deve hesitar... Vamos...

Os dois esposos apressavam o passo para o acampamento de Cesar.

No fim de alguns instantes, ouviram, a pequena distância, ressoar no solo o passo regulamentar de

mil... navio contra navio... soldado contra soldado... e espada contra espada... Ah! Meroé! para

nós outros, gauleses, que, desprezando as emboscadas como se fossem cobardias, pomos campainhas de bronze nos ferros das nossas lanças a fim de advertir o inimigo da nossa aproximação, vir déste modo traíçoeiramente...

— Traíçoeiramente! exclamou a jóven. E oprimir um povo livre... será leal? Reduzir os seus habitantes ao cativeiro... expatriá-los aos bando, com o colar de ferro ao pescoço... será lial?... Matar os velhos, as crianças... e entregar as mulheres e as vítimas às violências dos soldados... será lial?... Hesitarás agora... depois de ter caminhado um dia inteiro e toda uma noite ao clarão do incêndio... pelo meio de ruínas fumegantes, que incutem o horror da opressão romana!... Não... não... para exterminio dos animais ferozes, tudo é bom, tanto o chouco como a cilada... Hesitar!... hesitar!!! Responde, Albinik!... Pondo de parte a tua mutilação voluntária... pondo de parte os perigos que afrontámos ao entrar neste campo... não seremos nós, se Jesus auxiliar o teu projecto, as primeiras vítimas desse imenso sacrifício que desejámos fazer aos deuses?... Acredita no que te digo: quem oferece a sua vida não deve hesitar...; e pelo amor que te tenho! pelo sangue virginal de nossa irmã Héna... juro-te que tenho, nesta ocasião, a consciência de cumprir um dever sagrado... Vamos... vamos... a noite adianta-se...

— O que Meroé, a justa e valorosa, acha justo e valoroso, deve-sé-lo na verdade... disse Albinik apertando a companheira nos braços. Sim... sim... para exterminio dos animais ferozes tudo é bom, tanto o chouco como a cilada... Quem oferece a sua vida não deve hesitar... Vamos...

Os dois esposos apressavam o passo para o acampamento de Cesar.

No fim de alguns instantes, ouviram, a pequena distância, ressoar no solo o passo regulamentar de

mil... navio contra navio... soldado contra soldado... e espada contra espada... Ah! Meroé! para

nós outros, gauleses, que, desprezando as emboscadas como se fossem cobardias, pomos campainhas de bronze nos ferros das nossas lanças a fim de advertir o inimigo da nossa aproximação, vir déste modo traíçoeiramente...

— Traíçoeiramente! exclamou a jóven. E oprimir um povo livre... será leal? Reduzir os seus habitantes ao cativeiro... expatriá-los aos bando, com o colar de ferro ao pescoço... será lial?... Matar os velhos, as crianças... e entregar as mulheres e as vítimas às violências dos soldados... será lial?... Hesitarás agora... depois de ter caminhado um dia inteiro e toda uma noite ao clarão do incêndio... pelo meio de ruínas fumegantes, que incutem o horror da opressão romana!... Não... não... para exterminio dos animais ferozes, tudo é bom, tanto o chouco como a cilada... Hesitar!... hesitar!!! Responde, Albinik!... Pondo de parte a tua mutilação voluntária... pondo de parte os perigos que afrontámos ao entrar neste campo... não seremos nós, se Jesus auxiliar o teu projecto, as primeiras vítimas desse imenso sacrifício que desejámos fazer aos deuses?... Acredita no que te digo: quem oferece a sua vida não deve hesitar...; e pelo amor que te tenho! pelo sangue virginal de nossa irmã Héna... juro-te que tenho, nesta ocasião, a consciência de cumprir um dever sagrado... Vamos... vamos... a noite adianta-se...

— O que Meroé, a justa e valorosa, acha justo e valoroso, deve-sé-lo na verdade... disse Albinik apertando a companheira nos braços. Sim... sim... para exterminio dos animais ferozes tudo é bom, tanto o chouco como a cilada... Quem oferece a sua vida não deve hesitar... Vamos...

Os dois esposos apressavam o passo para o acampamento de Cesar.

No fim de alguns instantes, ouviram, a pequena distância, ressoar no solo o passo regulamentar de

mil... navio contra navio... soldado contra soldado... e espada contra espada... Ah! Meroé! para

nós outros, gauleses, que, desprezando as emboscadas como se fossem cobardias, pomos campainhas de bronze nos ferros das nossas lanças a fim de advertir o inimigo da nossa aproximação, vir déste modo traíçoeiramente...

— Traíçoeiramente! exclamou a jóven. E oprimir um povo livre... será leal? Reduzir os seus habitantes ao cativeiro... expatriá-los aos bando, com o colar de ferro ao pescoço... será lial?... Matar os velhos, as crianças... e entregar as mulheres e as vítimas às violências dos soldados... será lial?... Hesitarás agora... depois de ter caminhado um dia inteiro e toda uma noite ao clarão do incêndio... pelo meio de ruínas fumegantes, que incutem o horror da opressão romana!... Não... não... para exterminio dos animais ferozes, tudo é bom, tanto o chouco como a cilada... Hesitar!... hesitar!!! Responde, Albinik!... Pondo de parte a tua mutilação voluntária... pondo de parte os perigos que afrontámos ao entrar neste campo... não seremos nós, se Jesus auxiliar o teu projecto, as primeiras vítimas desse imenso sacrifício que desejámos fazer aos deuses?... Acredita no que te digo: quem oferece a sua vida não deve hesitar...; e pelo amor que te tenho! pelo sangue virginal de nossa irmã Héna... juro-te que tenho, nesta ocasião, a consciência

